

Este ano só dá barnabé na corrida ao GDF

■ Apelido de servidor, o barnabé se sente em casa no comando do governo

João Júnior

Vilões da eleição de 1990, quando, no auge da Era Collor, foram chamados de "marajás", os funcionários públicos podem se consagrarem nas urnas em outubro.

Agora é a vez dos "barnabés", os servidores que, segundo a sabedoria popular, trabalham muito e ganham pouco.

Em Brasília, eles representam 80% dos 336 candidatos majoritários e proporcionais, e se preparam para defender a categoria.

Embora rejeitem o termo "barnabé", reconhecem que o cenário político reflete as condições sociais e econômicas da cidade.

Confiando em seu conhecimento da "máquina" do Estado, apostam que poderão fazer um bom trabalho à frente do Executivo e do Legislativo.

Trezentos mil dos dois milhões de habitantes do DF são funcionários. Federais e estaduais, civis e militares.

Em nenhuma outra cidade brasileira essa proporção é tão significativa.

Além dos próprios servidores, votam com eles os seus familiares, o que resulta numa base eleitoral de pelo menos 900 mil pessoas.

Metade dos empregos registrados em carteira são oferecidos

pela administração pública.

E desse setor saíram não apenas os "barnabés legítimos" — servidores modestos — como as estrelas da eleição de outubro.

As chapas da esquerda são compostas basicamente pelo funcionalismo.

Todos os majoritários da Frente Brasília Popular (PT, PPS, PC do B, PSB e PSTU) começaram na administração pública.

Cristovam Buarque, candidato do GDF, é professor da UnB. Sua vice, Arlete Sampaio, é médica da Fundação Hospitalar.

Lauro Campos, que disputa o Senado, também faz parte do time dos professores, assim como Carlos Alberto Torres, também funcionário do Banco do Brasil. E José Roberto Arruda, também funcionário do GDF.

Como exceções, podem ser citados o mímico Miquéias Paz, que concorre à Câmara Legislativa, e o já consagrado deputado federal Chico Vigilante.

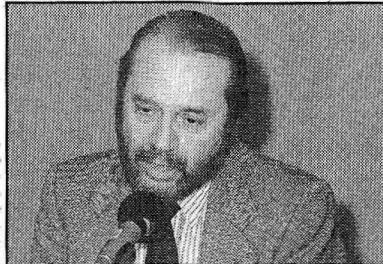
Na chapá proporcional, mais uma vez os professores se destacam acompanhados por representantes de todas as categorias de servidores.

A situação não é diferente na Frente Progressista (PP-PTB-PFL-PMDB), onde predominam funcionários de carreira do GDF e ex-administradores de satélites.



SUPERBARNABÉS

CARLOS MOURA



Paulo Timm:
Profissão: Economista
Onde já atuou:
Embrapa
Universidade de Brasília
Câmara dos Deputados
Senado
Ministério do Planejamento
Codeplan
Secretaria do Meio Ambiente

CARLOS JACOBINA



Newton de Castro
Profissão: Engenheiro
Onde já atuou:
Novacap
Departamento de Águas e Esgotos
Câmara dos Deputados
Empresa Brasileira de Transportes Urbanos
Departamento de Estradas e Rodagem
Secretaria de Desenvolvimento Urbano
Secretaria de Transportes
Secretaria do Meio Ambiente

Dois profissionais do serviço público

Nem todos os barnabés são "funcionários públicos modestos", como define o dicionário Aurélio.

Pela sua experiência, dois candidatos ao Buriti são "superbarnabés": Paulo Timm (PDT) e Newton de Castro (vice de Valmir Campelo).

Eles nem lembram de todos os cargos que ocuparam na administração pública, mas rejeitam o termo "barnabé", que consideram pejorativo.

"Quem cresce na máquina administrativa sabe como enfrentar melhor os problemas. Por isso, é bom que haja candidatos funcionários," reclama Newton.

Ele ressalta que os políticos experientes da cidade começaram como servidores públicos, o

que explica a grande quantidade de barnabés na eleição.

Mas Newton não gosta do rótulo. "Barnabé soa como incompetente. Hoje, o setor público tem profissionais tão bons quanto o privado".

O vice garante que a máquina não será utilizada na campanha em favor dos servidores públicos.

Timm também não se considera privilegiado.

"Estou aposentado no último nível da carreira e ganho, em termos reais, metade do que recebia quando entrei no serviço público," reclama.

O pedetista considera "inevitável" que haja muitos barnabés na briga pelos votos do brasiliense: "Isso é o retrato da cidade," avalia.

Plataforma — Vários candidatos fazem da defesa do funcionalismo sua principal plataforma.

Um exemplo é José Machado de Freitas (PDT), ex-diretor do Sindlegis, que concorre à Câmara Legislativa.

Em sua família, oito dos nove irmãos são funcionários públicos.

"A nossa categoria é o pulmão da cidade, e jamais poderá ser esquecida pelos políticos," argumenta.

Os "superbarnabés" também estão presentes na lista dos candidatos a distrital, como Paulo José Martins (PL).

Ele já passou por todos os cargos imagináveis de segundo escala, em órgãos tão diferentes como o Sine e as Fundações Educacional e do Serviço Social.

Das satélites para o Buriti

O Palácio do Buriti certamente será ocupado por um ex-barnabé, já que nessa categoria se enquadram cinco dos seis candidatos.

O senador Valmir Campelo (Frente Progressista) chegou à cidade há 32 anos e começou servindo cafézinho e limpando banheiros e restaurantes.

Poucos depois passou num concurso para o GDF, onde começou como datilógrafo.

De 1970 a 1986, administrou três cidades-satélites: Brazlândia, Gama e Taguatinga.

Sua principal adversária, a distrital tucana Maria de Lourdes Abadia, teve uma trajetória semelhante.

Ela se mudou para Brasília na época da fundação, e começou como assistente social do GDF, participando da construção de Ceilândia.

Como Campelo, se firmou como administradora da cidade que ajudou a levantar.

Cristovam Buarque se consagrou como reitor da Universidade de Brasília (UnB), e Paulo Timm (PDT) tem uma longa carreira.

João Ferreira (Força Alternativa) é militar da reserva, e Ildo Araújo (Prona) aparece como exceção. Ele é advogado.

Ele nasceu no ritmo do samba

■ Barnabé é o oposto de marajá, pois trabalha com empenho e não recebe salários altos.

O termo foi popularizado no Rio de Janeiro. Ele surgiu de um samba composto em 1947 por Haroldo Barbosa e Antônio Almeida.

O samba falava, com muito bom humor, da luta pela sobrevivência de um servidor chamado Barnabé.

Apesar de ter sido esquecido pelas gerações mais recentes, o barnabé perdeu a maiúscula e garantiu seu espaço no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

"Brasileiro, popular. Funcionário público, em geral de categoria modesta", define o Aurélio.